

MOBILIZAÇÃO POLÍTICA E LUTAS POPULARES: O ARQUIVO DO SITRAC

SUSANA FIORITO

Gostaria inicialmente de ressaltar a experiência do trabalho coletivo que é a própria existência do Arquivo Edgard Leuenroth: uma experiência em que confluem a atitude intelectual de um militante excepcional e a atitude militante de uma instituição universitária. É que a possibilidade de recuperar a memória dos trabalhadores - neste Arquivo quase desde o começo das lutas operárias na nossa América -, preservá-la e a custodiar estabelece uma trincheira contra o esquecimento, encurta o caminho para a aprendizagem das novas gerações, dá-nos uma arma para combater a despolitização e a impunidade.

Na história já longa da luta de classes e na da organização dos movimentos sociais, talvez um pouco mais curta, de nossos países, são freqüentes os períodos obscuros, de refluxo, de ondas de repressão, de "operações" realizadas pelo poder para empastelar jornais, queimar livros e documentos, retirar e destruir "memórias" de computadores. Mais cedo ou mais tarde, contudo, o movimento ressurgue. E podemos fazer nossas as palavras de Rosa Luxemburg, com um tema mais amplo do que a "greve de massas":

Às vezes a onda do movimento invade todo o Império,
às vezes divide-se em uma rede infinita de pequenos arroios;
às vezes brota do solo como uma fonte viva,
às vezes se perde dentro da terra...

E esse momento, quando "se perde dentro da terra", quando se rompe a cadeia humana de transmissão de experiências, quando novas gerações de militantes devem enfrentar a luta, é o momento em que a crônica, a fonte, a memória organizada, o arquivo, em suma, constituem

Susana Fiorito

arma inestimável para não começar do zero, para restituir a continuidade, para edificar a ação coletiva.

Eu não tenho mais títulos acadêmicos do que uma longa e, provavelmente, obstinada militância nessa tarefa de recuperar - e, quando possível, devolver - a memória dos trabalhadores: minha primeira experiência data de 1955, quando tentei conhecer - e divulgar - a história das greves dos peões da Patagônia argentina, ferozmente reprimidas pelas tropas do Exército, em 1921 e 1922. Trinta anos mais tarde, e apesar da volumosa contribuição de Osvaldo Bayer em sua saga *La Patagonia rebelde*, eu continuava insatisfeita: muitas fontes permaneciam inalcançáveis e ainda hoje são poucos os meios para pôr nas mãos de seus donos - os jovens militantes - a memória recuperada. Recentemente, em 1993, um suboficial da polícia provincial de Santa Cruz conseguiu um gravador e passou longas horas recolhendo relatos num asilo de idosos, onde terminam seus dias alguns dos sobreviventes das greves de 1922 - peões, pequenos comerciantes, antigos criadores de ovelhas... A memória assim recuperada por um homem do povo, apesar das limitações metodológicas que se possam assinalar, tem uma oportunidade de encontrar um caminho de volta, dos protagonistas de ontem aos de amanhã, na sua própria terra de Santa Cruz: jovens que cursam história no colégio secundário em 1994 receberam o estímulo e estão percorrendo por sua conta o caminho das fontes.

A Fundação Pedro Milesi é, em si mesma, uma tentativa de superar os hiatos que a morte cava.

Pedro Milesi foi um militante operário. Nasceu em 1888. Participou do "Grito de Alcorta", uma greve de arrendatários da bacia cerealista argentina. Logo se estabeleceu na cidade de Buenos Aires e aprendeu a chumbar vidros, foi delegado do sindicato desse ofício e participou da organização do sindicato da indústria metalúrgica.

Na década de 20, ele escrevia em *La Organización Obrera*, periódico da Unión Sindical Argentina. Nos anos 30, foi deportado a Ushuaia pelo governo militar de Uriburu e partilhou com centenas de presos sociais - entre os quais Simón Radowitsky - do confinamento numa lúgubre penitenciária. Em 1945, tentou, com outros militantes socialistas, sindicalistas revolucionários, trotskistas e anarquistas, propor,



Capa do jornal argentino *La Organización Obrera*, de 1º de maio de 1935 (no AEL, periódico estrangeiro Je/0548). Banco de Imagens/AEL/UNICAMP.

Susana Fiorito

para as eleições de 1946, uma alternativa operária autônoma, que superasse a opção entre a Unión Democrática e os agrupamentos que apoiaram a candidatura do coronel Juan Domingo Perón. Durante a década de 50, aposentado do ofício e expulso de seu sindicato, dedicou-se a estudar e a cuidar de sua saúde.

Mas, já no início dos anos 60, militantes sindicais e políticos jovens passaram a se reunir novamente em sua casa para discutir e recolher tradições aparentemente sepultados pelas agremiações burocratizadas e unguidas pelo aparato do Estado. Por esses anos, residindo em Córdoba, estabelece uma sólida amizade com Agustín Tosco, secretário geral do Sindicato de Luz y Fuerza dessa província e um dos articuladores do "Cordobazo" (greve geral de dois dias, com mobilização e lutas de rua de organizações operárias e estudantis), de 29 e 30 de maio de 1969.

Em 1971, o "Velho Pedro" preside o Congresso de Sindicatos Combativos, Agrupamentos Classistas e Operários Revolucionários, convocado pelos sindicatos classistas SiTraC e SiTraM. Nessa época, ele reunia grupos de militantes de distintas tendências políticas com inserção sindical e organizava cursos de história do movimento operário. Ainda em 1975, assiste ao enterro de Agustín Tosco - tinha 87 anos -, que foi uma manifestação contra a violência paramilitar, ocasião em que foi vítima de gás e de golpes da polícia. Nunca abandonou o país: morreu em 1981, sob a ditadura militar.

O "Velho Pedro" tinha participado, na primeira década deste século, da fundação de dezenas de "Centros de Estudos Sociais", criados pelos Sindicatos de Ofícios Vários, que havia em todos os povoados da chamada "pampa gringa" (sul de Santa Fé e leste de Córdoba). Logo trabalhou voluntariamente na construção da Biblioteca Socialista do bairro de Villa Crespo, em Buenos Aires. De 1981 a 1989, muitos dos que fomos seus amigos dedicamo-nos a fazer uma coleta: acreditávamos que a inauguração de uma nova biblioteca seria continuar a sua tarefa e devolveria a outros o que tínhamos aprendido dele.

Em 1988 houve condições para institucionalizar o projeto, e assim nasceu a Fundação Pedro Milesi, que adquiriu um velho depósito de forragens em um bairro proletário da cidade de Córdoba. Em 1990, foi inaugurada a Biblioteca, com um salão de 49 metros de área coberta.

Hoje, com a colaboração de vizinhos do bairro, técnicos, estudantes, intelectuais de outras cidades, o sindicato de docentes de Córdoba, alguns pequenos subsídios do Estado, nacional e provincial, e a importante contribuição da Autoridade Sueca para o Desenvolvimento Internacional (SIDA), a Biblioteca Popular de Bella Vista conta com uma sede de 264 metros quadrados de área coberta, presta serviço bibliotecário para um bairro de 80 quadras, dá apoio à capacitação das professoras de sete escolas públicas, oferece oficinas de leitura, expressão artística, corte e costura e capacitação profissional no ofício de gás, além de congregar um grupo de antigos vizinhos para reconstruir a história do bairro.

Paralelamente, foi recuperado, classificado, ampliado e microfilmado o arquivo do Sindicato de Trabalhadores Concord (SiTraC), um sindicato de empresa que, desde 23 de março de 1970 até o cancelamento de seu registro, em 26 de outubro de 1971, foi protagonista, junto com o Sindicato de Trabajadores de Materfer (SiTraM), os sindicatos de Luz y Fuerza, de Mecánicos, a Unión Transviarios Automotor, mais uma dezena de agremiações e as organizações estudantis, de um processo de conscientização política e mobilização social que abarcou amplas camadas da sociedade.

A própria existência e a natureza do arquivo são absolutamente inseparáveis do auge do movimento social. Enumerarei sucintamente as características dessa relação arquivo/movimento social, baseando-me em um processo que se iniciou organicamente em 1970 como consequência natural da existência "legal" do SiTraC, que continuou em condições de clandestinidade desde os fins de 1971 até meados de 1973, desenvolveu-se "à luz do dia" com a recuperação, nesse ano, do Estado de Direito e voltou a uma clandestinidade muito mais rigorosa e dura a partir de 1975 até 1985.

Para começar, o funcionamento do sindicato foi totalmente atípico. Em uma das primeiras assembléias realizadas na porta de fábrica, discutiu-se e se aprovou uma posição absolutamente impensável na Argentina em qualquer outra organização sindical: nas assembléias, concedia-se a palavra a todos os representantes de partidos políticos e agrupamentos estudantis que quisessem fazer ouvir seus pontos de vista e suas propostas sobre qualquer tema que a assembléia tratasse, ainda que eles não fossem

operários de fábrica. Carlos Masera, secretário-geral do SiTraC, resumiu assim os fundamentos: os operários somos suficientemente maduros para escutar as opiniões de todos os que participem das lutas do povo e, depois, tomar uma decisão de acordo com nossos próprios princípios e interesses. Também se voltou a uma velha prática, abandonada por quase 50 anos: a unidade operário-estudantil, postulado da Reforma Universitária de 1918. Assim, o processo de mobilização social, que se iniciou nos primeiros meses de 1969 em Corrientes, Rosário e Córdoba, englobou, ao longo de vários anos e em muitos povoados e cidades argentinos, camadas muito amplas da população. As reivindicações econômicas de distintos setores integraram-se nas manifestações políticas e transbordaram nas ruas com episódios de violência civil que não se observavam desde a chamada "Semana Trágica", de janeiro de 1919, Córdoba em 1969 e 1971, Tucumán, Catamarca, Cipolletti, Mendoza e duas vezes em Rosário.

Nessa luta do proletariado e das camadas populares por aumento de salários, melhoria de condições de trabalho, assinatura de convenções coletivas e de enfrentamento com o governo militar pelas liberdades civis e contra a reestruturação industrial, a política de centralização do capital e concentração de renda, os sindicatos da Fiat e numerosos agrupamentos sindicais e políticos de todo o país se autodefiniram como "classistas", reivindicando a autonomia da classe operária e centraram a sua luta:

- contra o patronato explorador;
- contra a ditadura entreguista e assassina;
- contra os dirigentes traidores do movimento sindical.

A atividade apoiou-se no funcionamento permanente das assembléias de base e a mobilização de rua.

Nesse marco, a Comissão Dirigente do SiTraC e seu corpo de delegados aceitaram a colaboração de estudantes, intelectuais, técnicos, vizinhos das fábricas, que cumpriam tarefas voluntárias da mais variada índole: limpar os banheiros, buscar bibliografia, varrer o local, redigir comunicados à imprensa, elaborar minutas de convenções coletivas, distribuir as cópias dos comunicados, discutir a estratégia para os plenários da CGT, datilografar longuíssimos documentos (naqueles tempos discutia-se por escrito), "rodar" o mimeógrafo (milhares de panfletos que se distribuíam nas fábricas e nas ruas eram mimeografados).

A Secretaria de Imprensa foi organizada no final de 1970. Meia dúzia de colaboradores reunidos por seu titular, o operário da Concord, Rafel Clavero, encarregaram-se, como tarefa não premeditada, não apenas da compilação dos documentos emitidos pelo sindicato, mas também da organização de pastas ou caixas em que iam parar os recortes da grande imprensa, as publicações de sindicatos, centros de estudantes, partidos políticos e tantos panfletos quanto chegassem ao sindicato ou fossem recolhidos nas ruas.

Em 26 de outubro de 1971, quando o governo cancelou o registro sindical do SiTraC, as forças de segurança ocuparam sua sede e a empresa demitiu dirigentes e ativistas, os colaboradores levaram as caixas às suas casas e continuaram a tarefa que haviam escolhido, prosseguindo - talvez por uma espécie de inércia - na formação do arquivo.

Até 1973, dirigentes e ativistas despedidos continuaram realizando atividades orientadas para proteger os direitos dos trabalhadores da Fiat Concord (imprimiu-se clandestinamente a convenção aprovada em 1971) e para evitar que o Estado impusesse a filiação dos trabalhadores na Unión Obrera Metalúrgica por meio do cerceamento da atividade sindical por capangas armados. A volta ao "Estado de Direito" não mudou a situação nas plantas da Fiat: nem os despedidos foram reincorporados nem se devolveu o registro ao SiTraC e ao SiTraM; mas a repressão e as ilusões eleitorais desarmaram as consciências e abateram a capacidade de luta. Como dizia Luxemburg: "... às vezes se perde dentro da terra". Os anos de 1974 e 1975 foram de exacerbada violência paramilitar: o Comando Cóndor de Navarro e Lacabbane foi o paralelo cordobês dos "Três A" de López Rega: o advogado do SiTraC, Alfredo Curutchet, o vice-governador Atílio López, dirigente da Unión Transviarios Automotor e muitos outros caíram sob as balas.

Ali começou a peregrinação do arquivo de SiTraC. Cada colaborador escondeu como pôde o que tinha, e continuou, como pôde, aumentando o subarquivo de que era responsável - certamente não com a ordem que se descreveu; éramos antes um grupo de maníacos, com poucos contatos entre nós por razões de prudência, e recortávamos e guardávamos tantos papéis quanto os que tivessem algo a ver com os restos do movimento sindical combativo e com a situação política e

Susana Fiorito

econômica; evidentemente não havia computadores, ao menos não ao nosso alcance. Já em 1975, a maior parte das "caixas" estavam em Buenos Aires, guardadas em casas de tias solteiras e idosas ou de operários aposentados que não haviam tido militância sindical.

Chegou 1976: seqüestros, campos de concentração, torturas, "traslados", fuzilamentos disfarçados em enfrentamentos armados. O arquivo dispersou-se ainda mais. Um militante montou uma câmara fixa e fotografou o que hoje é o surbarquivo 1 e parte do 7: os documentos emitidos pelo sindicato e os relatórios do Congresso Classista de 1971; pensou-se em ir ao exterior com os negativos, em caso de os originais serem descobertos numa operação "pente-fino". Nunca tivemos nem dinheiro nem tempo para sair do país...

Quando se voltou ao "Estado de Direito", em 1983, começou um grande trabalho de resgate e organização, com o objetivo de reunir não apenas o corpo do arquivo propriamente dito, classificá-lo e o ordenar, mas também a documentação administrativa e jurídica que se referia ao sindicato, e com a idéia de demarcar tudo isso num contexto documental que revelasse o conteúdo e a dinâmica do movimento social de que os sindicatos classistas haviam sido, ao mesmo tempo, manifestação e motor.

Tomamos consciência de que no início da década de 70 havia, em Córdoba, além dos partidos políticos tradicionais, mais de 40 organizações de esquerda, que produziam publicações e documentos e participavam ativamente da luta política e da discussão ideológica.

Embora nos organismos do poder executivo (nacional e provincial) tivessem sido destruídos todos os expedientes referentes aos conflitos na Fiat e à atuação de seus sindicatos e que nada tivesse restado na CGT provincial, aprendemos que aparecia anexada aos expedientes judiciais uma enorme quantidade de documentação - os originais de alguns desses expedientes, cartões de assistência, recibos de pagamento, todas as planilhas das eleições de delegados, as atas de conciliação pelos despedidos, os autos de notificação registrados pela Fiat cada vez que aparecia um panfleto em um banheiro, alguns desses panfletos que certamente não estavam em nosso arquivo. E que esses enormes expedientes (IV *cuerpos* da Primeira e Segunda Instância e II *cuerpos* tramitados na Suprema Corte de Justiça, além das pastas de provas)

repousavam, cobrindo-se de pó, no alto de um armário, em uma secretaria do foro trabalhista da cidade de Córdoba. Junto com as petições, contestações das petições, apelações e recursos foram fotocopiados e ordenados nos subarquivos correspondentes.

Entre 1984 e 1988, também se fichou toda a informação concernente ao movimento político e sindical de Córdoba e do país, desde primeiro de janeiro de 1970 até 31 de dezembro de 1971, tomando como fonte os três jornais diários que nesse momento eram publicados na citada cidade. Com esse material se construiu uma "cronologia" em duas colunas comparativas de informações, uma para Córdoba e outra para o resto do país, que ocupa quase 600 páginas.

Por fim, reuniu-se um pequeno grupo dos dirigentes que haviam participado desde o início da recuperação do sindicato, para registrar em gravações a memória dos primeiros meses, sobre o que não existe registro documental.

A informação detalhada dos conteúdos atuais do arquivo está à disposição tanto dos interessados no próprio tema do SiTraC, como daqueles que possam querer investigar sobre outros sujeitos sociais da época. A totalidade do material foi microfilmado graças à colaboração do Arquivo Edgard Leuenroth, de The Harvard College Library e de The International Institute of Social History.

Assim, antigos operários da Fiat, jovens estudantes de história, advogados de causas não-lucrativas, jornalistas, militantes de movimentos populares, intelectuais comprometidos com as lutas dos trabalhadores, pesquisadores sociais, bibliotecários e documentalistas colaboraram, nesses últimos dez anos, do mesmo modo como outros haviam feito no início dos anos 70, para recuperar e devolver às futuras gerações da classe operária e àqueles que amanhã serão os sujeitos da transformação imprescindível das atuais estruturas sociais a memória de um momento da longa luta por um mundo mais livre e mais justo. E tentaram marcar essa história de um esforço para alcançar a autonomia da classe operária no quadro emaranhado de ascenso significativo do movimento social na Argentina.

Agora, continuamos trabalhando na Biblioteca Popular de Bella Vista:

Susana Fiorito

- Para que os vizinhos de todas as idades tenham oportunidade de se converter em protagonistas do processo de apropriação do conhecimento, que entendemos ser um bem social, a que todos temos direito de acesso, desde o alfabeto até a sociologia e a mecânica quântica.
- Para que nesse processo se vá constituindo em cada um, criança e adulto, uma consciência crítica, instrumento para entender a realidade que nos circunda e o sistema de valores e instituições que constrói o poder e rege nossas existências e para definir mais livremente o tipo de sociedade que desejamos construir.

Até que... a onda do movimento brote como uma fonte viva e invada outra vez nossa terra.